

O HIP HOP É INCRÍVEL

O GRANDE ÊXODO

No ano de 2125, uma catástrofe ambiental dizimou metade da população mundial, mergulhando a Terra em um colapso irreversível. Com o planeta à beira do fim, cientistas decretaram que a humanidade não poderia mais sobreviver ali.

Diante dessa sentença, a elite financeira abandonou a Terra, migrando para um novo mundo habitável. Os que ficaram para trás — os desfavorecidos, os marginalizados — viram-se presos em um planeta condenado.

Acordo de repente quando ouço um barulho. O garoto estranho não conseguiu dormir.

Faz dois dias que o encontramos vagando pela floresta, sozinho, desorientado. Não pertence a nenhuma casa conhecida. O mais estranho: estava sem uma trança nagô para se localizar e, sem nenhum equipamento de sobrevivência, só segurava um óculos que tinha nas lentes escrito “O PAI / TA ON”. Não faço ideia do que isso significa. Decidimos que ele poderia vir conosco para a cerimônia dos novos Hiphoppas.

Dizer isso é estranho, mas parece que ele veio do passado. Tive que explicar o que era a cerimônia, e ele me olhou como se eu estivesse falando grego. Para ele, Hip Hop era só um gênero musical.

Foi impossível segurar o riso ao ver o espanto dele quando contei que o Hip Hop salvou a vida na Terra depois do GRANDE ÊXODO.

Todos nós pensávamos que estávamos condenados à morte. Achávamos que a elite financeira tinha sido arrebatada, levada aos céus, e que aquele era o fim do mundo. Mas sobrevivemos. E isso só foi possível graças ao Hip Hop.

Assim como aconteceu pela primeira vez no Bronx, Nova Iorque, no início da década de 1970 — e depois em incontáveis lugares ao redor do planeta — o Hip Hop nos ensinou a sobreviver no inferno.

Ouçó outro barulho — esse eu conheço bem. Minha barriga está roncando de fome. Nessas horas, só consigo pensar nos pastéis de angu da Leleia. Melhor comida do mundo.

— Vou procurar algo pro nosso café da manhã. Quer vir junto?

— Quero.

Ele parece muito perdido. Quando o encontramos, disse que estava numa festa, ouviu um estrondo que parecia uma explosão... e quando acordou, já estava na floresta.

— Rakin.

— Oi.

— Onde estamos mesmo?

— Essa é a floresta Mononoke.

— Não estamos em Itabirito?

— Sim. Vovó Juju diz que essa região tinha o mesmo nome da pedra que risca vermelho: Itabirito.

Por sorte, encontramos um pé de goiaba. Kiki Di adora goiabas. Chegamos depois de um bando de maritacas, mas acho que elas não se importam em dividir o alimento.

Vimos em um grupo de três: eu, Kiki Di e Luma. Somos a nova geração da casa Escaravelho.

Aprendemos os conceitos básicos do Hip Hop com nossos pais. Esse é o teste final para sermos oficialmente Hiphoppas. É muito importante para nós e para nossa casa.

O teste consiste em chegar até a cachoeira Mononoke e fazer um Graffiti lá. Esse evento acontece de cinco em cinco anos, e, se não conseguirmos chegar a tempo da cerimônia... vamos ter que esperar mais cinco anos.

Nosso grupo é bem forte e habilidoso, só tem um, porém: nenhum de nós três é bom no Graffiti, e ainda não sabemos o que vamos fazer na cachoeira.

Kiki Di tem 16 anos, é a mais velha da turma. Tem um corpo atlético, dedicou a vida até aqui à arte do Breaking — por isso escala árvores como ninguém e é a melhor em caçar.

Luma é nossa líder. Fala muito e com firmeza. É uma exímia MC. A arte do MC é o estudo e a aplicação da fala rítmica, da poesia e da fala divina. Que manipula o ar por meio da vibração sonora, em um esforço para alterar ou expandir a consciência.

Eu sou o Rakim.

Carrego na cabeça o mapa até a cachoeira. Foi a mãe Lulu que fez a trança nagô em mim. Além de ótima trancista, ela é uma excelente cartógrafa.

Esse tipo de mapa foi criado pelos nossos ancestrais, lá na antiga Colômbia, era usado como rota de fuga por pessoas escravizadas. Eram conhecidos como mapas da liberdade.

Enquanto trançava meu cabelo, mãe Lulu me ensinou a ler o mapa. A trança enrolada perto da testa indica a montanha. A que parece uma cobra é o rio. As tranças mais grossas marcam os lugares perigosos. E o ponto perto da nuca indica a cachoeira — nosso destino.

Ela também marcou no mapa a região onde vamos encontrar urucum.

Temos que colher sementes de urucum para fazer a tinta para o Graffiti. Depois disso, seguimos direto para a cachoeira, onde dois grandes mestres do Hip Hop nos esperam para oficializar a cerimônia.

O garoto estranho não fala muito. Parece assustado, mas é uma boa pessoa.

Quando paramos para descansar, ele costuma pegar um graveto e desenhar no chão. Sempre que chego perto para ver o que ele fez, ele apaga tudo, passando a mão sobre a terra.

É uma pena que ele não conheça o Hip Hop. Tenho certeza de que se encantaria com a arte do Graffiti que é o estudo e a aplicação da caligrafia de rua. Escrita ou desenho rabiscado, arranhado ou pulverizado numa superfície.

O Graffiti tem um papel essencial no desenvolvimento da inteligência humana e da autoexpressão.

...

Estamos nos aproximando da região onde encontraremos o urucum. Tudo está indo conforme o planejado. Pelos meus cálculos, em mais um dia de caminhada chegaremos à cachoeira Mononoke. Só vamos fazer uma pausa antes, para preparar a tinta com o urucum. Se tudo der certo, chegaremos com um dia de antecedência para a cerimônia.

Montamos acampamento. Luma pediu para Kiki Di sair em busca do urucum e de algo que pudéssemos comer. O garoto estranho ficou com a tarefa de recolher gravetos para a fogueira, enquanto eu e Luma começamos a montar o abrigo.

— Luma... você acredita em viagens no tempo? — perguntei, enquanto amarrava a lona.

— ...

— SOCORRO! SOCORROOOO!

De repente, ouvimos gritos. Gritos de puro desespero. Sem dúvida, era o Garoto estranho.

Luma largou o que estava fazendo e saiu correndo na direção dos gritos. Fui logo atrás, com o coração disparado.

Quando chegamos ao local, vimos três lobos cercando o garoto. Eles pareciam famintos. Seus olhos brilhavam com fúria e seus corpos, cobertos por uma pelagem cinza-escura, tremiam de tensão. Eram os temidos Lobos da Floresta Mononoke. Todo mundo sabia da existência deles, mas ninguém jamais havia voltado para contar como realmente eram.

O que estava mais atrás era o maior. Devia ter quase dois metros de altura.

— Não corra. — Luma se colocou na frente do garoto, firme. — Olhe nos olhos deles. Se perceberem que estamos com medo, vão atacar.

Minha respiração ficou pesada. Estávamos em desvantagem, sem Kiki Di para ajudar.

— Luma... a gente não tem chance contra esses lobos. Eles vão acabar com a gente.

Vi o medo no rosto dela, mesmo assim, ela sorriu. Um sorriso frágil, mas corajoso.

— Vai ficar tudo bem, Rakim. Eu vou distraí-los. Corra com ele para o outro lado. É a única chance de pelo menos um de nós escapar.

Luma, como uma boa jogadora de xadrez, sabia que às vezes era preciso fazer sacrifícios.

Mas eu... eu não podia aceitar aquilo. Não podia abandoná-la.

Pense, Rakim. Pensa!

— Espera. Eu tenho uma ideia... vamos fazer um Rap.

— O quê?

— Os lobos se incomodam com sons altos. Se fizermos barulho com palmas, socos nas árvores, batidas no peito... e você, Luma, soltar um flow agressivo, cheio de atitude... pode ser que eles recuem.

Ela me olhou por um segundo. Um brilho surgiu nos olhos dela. E sem dizer nada, assentiu com a cabeça.

Luma respirou fundo. O silêncio era pesado. Os lobos rosnavam, as patas afundando na terra úmida, prestes a avançar.

Comecei a bater palmas, ritmadas. Clap... clap... clap-clap-clap. Depois, pedi para o garoto estranho bater no tronco de uma árvore acompanhando o ritmo. Boom... boom... boom. O som ecoou pela floresta como um tambor de guerra.

— Aí vai, Rakim — disse ela, com os olhos fixos nos lobos. — Me acompanha no beat.

A voz dela saiu firme, vibrando no ar pesado da floresta.

— Ei!

OLHE BEM PARA OS MEUS OLHOS, LOBOS DE MONONOKE

ESSES MESMOS OLHOS VÃO VER A LUA A NOITE

POR QUE VOU ME TORNAR UMA HIPHOPPA, NÃO TENHO TEMPO PARA PERDER

E NESSE SOLO SAGRADO, MEU SANGUE NÃO VAI ESCORRER

Comecei a marcar mais forte o ritmo, com palmas e batidas no peito, o som ia crescendo como um trovão na mata.

Os lobos hesitaram.

— MEUS PÉS ESTÃO FIRMES NO CHÃO

LUMA É MEU NOME

SEI QUE É SEU INSTINTO

MAS MINHA VONTADE DE VIVER É MAIOR QUE SUA FOME

O lobo maior rosnou mais alto, mas não avançou. Ao invés disso, recuou meio passo, confuso. Os outros dois olharam em volta, desconfiados. Nunca tinham ouvido nada igual.

Luma foi avançando aos poucos, sem parar de rimar:

— SOMOS A NOVA GERAÇÃO DA CASA ESCARAVELHO

TEMOS QUE SOBREVIVER

POR ISSO NÃO VAMOS RECUAR

POR ISSO NÃO VAMOS CORRER

Os lobos se entreolharam e então... correram. Primeiro um, depois outro. O maior rosnou mais uma vez, como se quisesse guardar o rosto, e desapareceu entre as árvores.

O silêncio voltou.

Eu parei de bater palmas, com os punhos doendo e o peito explodindo de adrenalina.

— Caraca... Luma... — falei, ainda ofegante. — Você mandou muito.

Ela virou para mim, suando e sorrindo de alívio.

— O Rap salva, Rakim. O Rap sempre salva.

O garoto estranho caiu sentado no chão, tremendo.

— Cês... cês são tipo... super-heróis do Rap?

Eu e Luma nos entreolhamos e demos risada.

O caminho de volta foi em silêncio. O garoto estranho vinha no meio, ainda meio em choque. Luma andava na frente, com os olhos atentos, como se os lobos pudessem voltar a qualquer momento.

Quando chegamos de volta ao acampamento, Kiki Di já estava lá, tentando acender a fogueira.

— Aonde vocês foram? — ela perguntou, com o cenho franzido. — Eu volto e vocês somem?

— Lobos — disse Luma, sentando-se no chão. — Três deles.

Kiki Di arregalou os olhos. Seus dreads longos balançaram quando ela se levantou de supetão.

— Os Mononokes?

Assentimos. A expressão dela mudou. Não era medo. Era... respeito.

— E como vocês escaparam?

Eu e Luma nos entreolhamos de novo. Eu respondi, ainda meio sem acreditar:

— Rap.

Kiki Di ficou em silêncio por um tempo. Depois começou a rir.

— Vocês são malucos. Mas... funcionou, né?

— Funcionou — disse Luma, abrindo um sorriso cansado.

Kiki Di se sentou ao nosso lado e tirou da sacola um punhado de sementes vermelhas. Urucum.

Já era bem tarde quando terminamos de fazer a tinta.

— Vamos dormir, que amanhã é um grande dia — disse Luma.

Quando acordei, o garoto estranho já estava de pé, desenhando na terra.

Começamos a juntar nossas coisas para seguir viagem, quando ele me chamou:

— Rakim... quero que veja uma coisa.

Ele me mostrou o que estava desenhando. Eram os lobos de Mononoke. Ele conseguiu expressar com mínimos detalhes o quão assustadores eles eram.

Quando percebi, Kiki Di e Luma também estavam em volta do desenho, admirando.

— Ficou incrível — disse Luma.

— Então esses são os temidos Lobos de Mononoke — disse Kiki Di

Eu e Luma nos entreolhamos. Sabíamos quem — e o que — iríamos pintar na Cachoeira Mononoke.